



CALIBURN

A VIA DO GUERREIRO (III)

Podemos, sobretudo, dizer que a Via do Guerreiro faz parte, de facto, dos Ensinamentos de Shamballah, desse Reino que é a verdadeira fonte do ideal de iluminação secular. Se, por um lado, a tradição de Shamballah repousa sobre a doçura da tradição búdica, não é menos verdade que a sua transmissão se refere à possibilidade de enobrecimento da existência humana sem recurso à religião.

Assim, a “Visão de Shamballah” aponta ao desejo de se levar uma existência sã e completa, não só para nós como para os que nos rodeiam. Por isso, o guerreiro vai trabalhar sobre si e sobre o mundo, mas não de maneira egoísta.

Iremos precisar, agora, alguns aspectos diversos da Via do Guerreiro, na sua verdadeira e única essência. A Via do Guerreiro assenta num trabalho individual de descoberta da forma como a nossa mente funciona, do que são os nossos pensamentos e de como nos emergem. Tal trabalho – de meditação – leva-nos a verificar os diferentes tipos de pensamentos que temos no dia a dia e a sua contemplação (feita sentada e atenta à respiração) nos fará descobrir a emergência de todos os tipos, indo dos “monstruosos” aos “benevolentes”. O aprendiz de guerreiro, porém, não se preocupará muito em catalogá-los. Diremos como Trungpa: “pode-se ter a ideia de assassinar o pai ou o desejo de preparar uma limonada e comer biscoitos”. O essencial é não ficarmos chocados com eles. Eles são os “nossos pensamentos” e um pensamento é, simplesmente, um pensamento. “Nenhum pensamento nos merece uma medalha de ouro, assim como não merece uma blasfémia”. O treino consistirá, por exemplo, em colocar-lhe a etiqueta “pensamento” e retornar a contemplar a respiração. Este trabalho não deve ser conduzido somente em termos de espírito, visto, como imprópria e primariamente muitos o fazem, como “espiritual”, pois teremos de envolver completamente “espírito e corpo”, mesmo na fase preliminar do aprendiz de guerreiro. O guerreiro vai descobrindo ao longo da via o seu corpo e o seu espírito, trabalha do subtil ao denso, sem fazer juízos mundanos de tudo o que o rodeia, mesmo dos seus pensamentos, mesmo das ideias comuns que lhe incutiram sobre o corpo, sobre maior ou menor pureza disto ou daquilo. Mas a sua via não é simplesmente ele. Descobrir o sofrimento em si, as dificuldades em si, os pensamentos em si, ele descobre-os nos outros, ele contempla as dificuldades e as dores do mundo, a angústia da confusão que reside nesse mesmo mundo e trabalha para o auxiliar. Esse é o trabalho “exterior” do guerreiro. Ele – atento sempre à “Visão de Shamballah” – trabalha sobre si e sobre o mundo com a meta de, não só despertar, como auxiliar a que um mundo desperte e ultrapasse as dificuldades em que vive. Tal foi assim nas épocas pretéritas. Tal é hoje a mesma Via, por maioria de razão, nesta época charneira de tempos, nesta época tremendamente difícil, mas inversamente cheia de possibilidades.

Porém, o guerreiro, como verdadeiro yogui que é, “tira a sua energia” precisamente da mudança, da ocorrência no aqui e agora. Desenvolvendo a meditação a níveis cada vez mais “profundos”, esta torna-se um “excelente meio” de vencer a guerra neste mundo, como a nossa própria guerra.

.....
ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE

Há quem afirme que a obra de Kunaton foi prematura e precipitada! Nesse caso também o foram as de Yezeus-Krishna (3500 a.C.), a do mesmo Gautama, o Buda, a de Jeoshua (o Jesus bíblico) e outros mais, pois os homens continuam tão perversos como o eram nas épocas em que esses Seres fizeram a sua *aparição* no mundo.

Kunaton foi, pois – mais uma vez dizemos – a manifestação desse mesmo Espírito de Verdade, manifestado na Terra quando “os homens, insuflados pelos gananciosos sacerdotes de Amon, achavam-se afastados de Dharma, a lei justa”, para não dizer, adulteraram a Verdade por Ele mesmo (Espírito de Verdade) impulsionada no começo das coisas. *Ontem como hoje! Hoje como amanhã!*, até chegar o Grande Dia da Superação da Mónada.

E como estamos atravessando uma época idêntica àquela, é muito natural que vultoso número de inconscientes prefira seguir o Espírito das Trevas, ou seja, o mesmo que, em todos os ciclos de decadência, procura destruir a Obra do Bom Semeador.

Do mesmo modo que outrora Kunaton representava a Luz e Tut-Ank-Amon a Sombra, nos dias actuais o fenómeno é reproduzido de modo mais patente: de um lado, a Construção, a Obra do Bom Semeador; do outro, a Destruição, a obra da Ruína, da Miséria e de quantas perturbações atestam o declíneo de um ciclo que desaparece no horizonte da evolução humana para o dealbar de um outro, portador de melhores dias para o mundo.

E tudo isso, em obediência ao *Destruens et Construens!*

Henrique José de Sousa

in “Amenóphis IV ou Kunaton”, Dhâranâ nº 52 a 66 – Abril de 1930 a Junho de 1931

Palavras de Ouro

Nenhum deslumbramento, nenhuma ilusão, pode reter por muito tempo o homem que se impôs a si mesmo a tarefa de trilhar o fio da navalha que conduz através da selva, através da mais densa floresta, através das profundas águas do sofrimento, através do vale do sacrifício e sobre as montanhas da visão, até ao Portal da Libertação. Ele pode algumas vezes viajar na escuridão (e a ilusão das trevas é muito real!); ele pode algumas vezes viajar numa luz tão ofuscante e confusa que mal pode ver o caminho adiante; ele pode saber o que significa hesitar no Caminho e cair pela fadiga

do serviço e da luta; ele pode, temporariamente, perder-se no Caminho e vaguear pelos atalhos da ambição, do interesse egoísta e dos encantamentos da matéria, mas o lapso será apenas breve. Nada no Céu ou no Inferno, na terra ou em qualquer outro lugar pode impedir o progresso do homem que despertou da ilusão, que percebeu a realidade além do deslumbramento do plano astral, e que ouviu, ainda que somente uma vez, o toque de clarim da sua própria alma.

O Mestre Tibetano

A SINARQUIA

Um dos temas fundamentais da Eubiose é o da Sinarquia. Neologismo criado por Alexandre Saint Ives d'Alveydre, ele pretende significar a forma de governo que se encontra adaptada ao Homem entendido na sua globalidade. Isto é, a Sinarquia será a forma de organização e gestão das coisas públicas que contempla todas as dimensões do ser humano, tanto materiais como espirituais.

Etimologicamente a Sinarquia pressupõe a obediência a princípios e, por isso, se opõe à Anarquia em todas as suas expressões. Na medida em que as formas de governo actuais não contemplam as diferentes dimensões do homem, poderemos afirmar que, de alguma forma, todas se constituem como expressões de uma perspectiva anárquica de governo.

Sinarquia implica, pois, a obediência a princípios. Mas quais? Esses princípios estruturam-se, essencialmente, em três vertentes que se podem perspectivar segundo três grandes linhas de acção:

1. A Sinarquia está baseada na compreensão de que o homem

é um ser multidimensional com uma componente espiritual que é a base e o fundamento de todas as outras.

2. A Sinarquia pressupõe a organização e gestão das coisas públicas segundo parâmetros adaptados às necessidades humanas, não deixando de contemplar a dimensão material e as necessidades básicas sociais.
3. A Sinarquia é, essencialmente, uma forma de governo estruturada e orgânica em que cada componente social desempenha uma tarefa para o bem comum. Tal como no corpo humano cada órgão desempenha a sua função perfeitamente integrado no conjunto de que faz parte, também numa sociedade sinárquica cada órgão deverá integrar-se no corpo social devendo, com sua actividade, contribuir para o bem comum.

A sociedade sinárquica é, pois, um sociedade estruturada onde cada órgão e cada elemento ocupa o lugar adequado às suas potencialidades e às suas características intrínsecas.

OS DILÚVIOS

Para quem estuda a história das diferentes civilizações, de uma forma comparada, não pode deixar de se tornar evidente a recorrência com que surgem os mitos relacionados com o dilúvio universal. É uma constante em todas as culturas e tradições a referência a um dilúvio que teria deixado a terra despovoada. Vejamos algumas dessas tradições.

Para os povos da Oceânia tratou-se da luta entre dois irmãos, filhos de um polvo, chamados Água e Fogo, da qual saiu vencedor o primeiro. Durante esta luta o mundo foi destruído pela Água.

Na Índia, o deus Vishnu avisou o Manu da vinda do dilúvio e enviou-lhe uma grande barca, instruindo-o para nela encerrar dois membros de cada espécie conhecida, macho e fêmea, bem como as sementes de todas as plantas.

As tradições dos povos nómadas do Tibete e da Ásia Central referem um enorme cataclismo provocado pela água e pela queda de vários cometas.

As sagas dos povos nórdicos da Escandinávia referem a grande batalha dos deuses, em que toda a terra foi queimada pelo fogo e as estrelas caíram nos oceanos, provocando enormes vagas que submergiram todo o mundo conhecido.

Nos mitos gregos, Deucalião e sua esposa foram avisados do dilúvio eminente, tendo construído uma arca que flutuou sobre as águas durante nove dias e nove noites. No décimo dia o dilúvio cessou e a arca aportou ao monte Otris. Deucalião e a sua esposa atiraram pedras sobre os seus ombros que se transformaram, respectivamente, em homens e mulheres. Desta forma se repovoou o mundo.

As tradições Assírio-Babilónicas referem terem, um dia, os

deuses decidido punir os homens com um dilúvio. Mas um dos deuses apiedou-se dos homens, tendo instruído um deles, Uta-Napisthim, no sentido de construir uma grande arca, devendo nela guardar todas as "sementes da vida". Durante seis dias e seis noites a arca andou à deriva. No sétimo dia aportou ao monte Nisir. Libertou vários pássaros, até que um deles não voltou, tendo então compreendido que o dilúvio tinha terminado e que outras terras estavam libertas das águas.

As tribos africanas do Congo contam que um dia o Sol atirou lama à Lua. O Sol tornou-se menos brilhante e um dilúvio ocorreu. Alguns homens foram transformados em macacos, sendo a presente raça dos homens uma criação muito recente.

Os esquimós, do Alasca, falam de um terrível dilúvio que assolou toda a terra, durante um terramoto. Apenas alguns conseguiram sobreviver, fugindo nas suas canoas, em direcção às montanhas. Na América do Sul, os Incas do Peru contam a história de um lama que instruiu o seu dono para que guardasse comida para cinco dias e cinco noites, pois que um grande dilúvio se aproximava. O homem fugiu para uma montanha, chamada Villca-Coto, levando consigo todas as espécies de animais que sobreviveram à tragédia. Todos os homens descendem deste único ser humano. Por outro lado, os Aztecas afirmavam ter a humanidade sido destruída por um grande dilúvio apenas se tendo salvo um homem e uma mulher. Os seus filhos nasceram mudos. O dom da linguagem foi-lhes dado por um pássaro, mas logo perceberam que todos falavam línguas diferentes. Os índios chilenos acreditam que o dilúvio foi causado por uma erupção vulcânica. Ainda hoje, durante alguns sismos, esses índios se refugiam nas montanhas, temendo o dilúvio universal.